

# FARMÁCIA DE LUTO

## Não deixe que a sua farmácia encerre.



Entrevista com Dr.<sup>a</sup> Fernanda Café, Farmácia Avenida - Loulé



Exerceu Farmácia Hospitalar durante 17 anos, sendo especialista nesta área.

Há dez anos que se dedica inteiramente à sua farmácia, Farmácia Avenida em Loulé, onde desenvolve um trabalho com o qual se identifica, ao lado da equipa que formou e que é para si como uma família.

**“A Voz de Loulé” – Recentemente começou-se a ouvir falar das “farmácias de Luto” e de uma petição a elas associada. Explique-nos um pouco o que é reivindicado pelas “Farmácias de Luto”?**

**Fernanda Café** – Antes de mais a equidade nas medidas de contenção de gastos aplicadas ao setor do medicamento.

As farmácias são o setor em que os Portugueses mais confiam, a qualidade de atendimento, a confiança, o tempo de espera que têm nas farmácias, é incomparavelmente melhor que o de outros serviços de Saúde. Basta comparar o tempo que se passa numa urgência com o tempo necessário para a dispensa de uma receita...

Pretendemos sobretudo a defesa do modelo de farmácia que temos em Portugal e que é considerado por muitos dos melhores do Mundo. É um ativo Português, feito e gerido por Farmacêuticos Portugueses, próximo da população, acessível e com os custos mais baixos de toda a Europa!

Em Portugal decide-se primeiro e pensa-se depois, só que no caso das farmácias isso implica uma inevitável degradação da qualidade do serviço e do acesso das pessoas aos medicamentos. É necessário que os nossos políticos tenham alternativas à única decisão tomada para poupar no medicamento: cortar nos preços e nas margens da farmácia.

**V.L. – Qual a adesão a nível regional e, particularmente, do concelho de Loulé na reivindicação das “Farmácias de Luto”?**

**F. C.** – Sem ter dados concretos em minha posse, arrisco-me a dizer que houve uma adesão massiva das farmácias e dos doentes. Enquanto farmacêutica emocionou-me ao olhar para o número impressionante de assinaturas da petição: mais de 220.000 assinaturas. É a maior petição da história da Democracia Portuguesa. Resta saber se os políticos – sobretudo os que têm o poder de decisão – vão legitimar a vontade soberana das populações e tomar decisões corajosas em consonância com essa petição.

**V.L. – Quais as principais medidas, e respectivas alterações, tomadas pelo Governo?**

**F. C.** – O governo tem dado passos muito tímidos e ténues: se é verdade que foi aligeirado o número de horas que as farmácias têm que permanecer abertas semanalmente, também é verdade dizer que isso é um penso rápido aplicado numa hemorragia grave, que põe em risco a sobrevivência das farmácias. Nenhuma medida com verdadeiro impacto positivo foi tomada até hoje. Todas as medidas têm a ver com cortes cegos na despesa com os medicamentos de farmácia. Por exemplo, nos hospitais, geridos diretamente pelos Estado, ainda não é visível qualquer poupança relacionada com o medicamento.

**V.L. – Quais as principais consequências dessas medidas?**

**F. C.** – Reduções de salários, despedimentos e falta de medicamentos nas farmácias que, neste momento, já têm os seus fornecimentos suspensos por falta de pagamento aos armazenistas de medicamentos.

**V.L. – Já sente na pele essas consequências?**

**F. C.** – Sem dúvida que sim. Repare, o modelo de farmácia que temos em Portugal assenta em profissionais altamente qualificados e a justificação é muito simples, para vendermos uma aspirina que custa aproximadamente 3 euros, temos que ter um conhecimento assente numa formação superior... não é o mesmo que vender batatas! A confiança e segurança que os Portugueses têm quando recorrem à sua farmácia assentam nessa capacidade, nesse conhecimento. Medicamentos como a sinvastatina (para o colesterol alto) que já custaram 30 a 40 euros, custam hoje 2 euros ou menos, e os profissionais que os dispensam são os mesmos, têm o mesmo nível de salários. Todos os custos para manter a farmácia aberta aumentaram: luz, comunicações, exigências legais específicas das farmácias... Não há milagres, se os preços e as margens descem e os custos sobem só há uma consequência: a falência a médio prazo.

Um estudo independente efetuado pelo Prof. Pedro Pita Barros, reputado Economista da Saúde da Universidade Nova, demonstrou que atualmente a farmácia perde dinheiro cada vez que dispensa um medicamento, em média são 0,94 euros perdidos por embalagem. Ou seja, o que ganha com o medicamento é insuficiente para fazer face aos seus custos fixos.

**V. L. – Qual o número de farmácias em risco de fechar?**

**F. C.** – Segundo dados publicados pela ANF – Associação Nacional de Farmácias, estima-se que cerca de 600 possam fechar até final de 2013. Contudo, pessoalmente, acho que esse número peca por defeito...

**V.L. – O que poderia evitar esses encerramentos?**

**F. C.** – Uma política mais equilibrada. Obviamente que as farmácias têm que participar no esforço de consolidação orçamental. Nem está em causa tal participação. O que entendemos é que existe um limite a partir do qual não é possível manter as farmácias a funcionar e esse limite já foi há muito ultrapassado.

Seria necessário, entre outras coisas, dar instrumentos às farmácias para que estas participassem na poupança. Por exemplo, se por intervenção direta das farmácias a cota de medicamentos genéricos subir, por que não partilhar parte da poupança atingida com as farmácias? Assim, não estaríamos a onerar o Estado, mas a recolher uma parte da poupança obtida por ação direta das farmácias.

Cabe ao governo encontrar alternativas e estou segura de que, sendo elas equilibradas, as farmácias serão um parceiro do Governo. Sempre estivemos do lado das soluções, do lado da população, e assim continuará a ser enquanto nos deixarem. As pessoas são a nossa razão de existir e não digo isto no abstrato, conheço os meus utentes, e eles conhecem-nos e sabem que podem contar connosco. A relação entre a farmácia e as pessoas é pessoal, baseia-se na confiança, no acompanhamento diário dos seus problemas de Saúde (e não só!). Não há nenhuma outra estrutura tão próxima das pessoas. Em muitas localidades a farmácia é a ÚNICA estrutura.

**V.L. – Quais as consequências para os utentes?**

**F. C.** – Muitas vezes os utentes não conseguem aviar a receita por falta de stock nas farmácias com problemas financeiros. Já há quem tenha de percorrer mais que uma farmácia para obter a sua medicação... Imagine isto a acontecer numa aldeia isolada, onde só existe uma farmácia. Na Grécia as pessoas já formam filas durante a madrugada, porque a escassez de medicamentos é tal que se não são os primeiros da fila não conseguem a sua medicação.

Eu pergunto: será preciso chegar a essa situação para que o Sr. Ministro da Saúde entenda finalmente a urgência de actuar?

Nathalie Dias

### 600 farmácias correm o risco de fechar em 2013

1.131 farmácias com fornecimentos suspensos

457 farmácias com processos judiciais

235 milhões de euros de dívida litigiosa

40 mil euros de resultado líquido negativo na farmácia média

Iniciada a 24 de setembro, a ação de sensibilização “Farmácias de Luto” tem tido cada vez mais adesão, tendo a petição ultrapassado, até ao momento desta entrevista, as 11 000 assinaturas. Para ajudar a perceber um pouco melhor esta questão, “A Voz de Loulé” escolheu aleatoriamente uma farmácia e foi falar com a Dr.<sup>a</sup> Maria Fernanda Café Estevão, proprietária da Farmácia Avenida, situada em Loulé.

Fernanda Café nasceu no concelho de Loulé, em Quarteira, em 1965. Filha de um homem desta terra e de quem muito se orgulha, Hélder Marçal Estevão e de Maria Fernanda Frade Café, considera que deve aos seus pais tudo o que é: “uma pessoa de princípios e que luta pelo bem-estar dos que a rodeiam”.

É divorciada e vive para o seu filho (de quem muito se orgulha e com quem tem uma identificação total), para a sua família e para a sua farmácia.

Iniciou os seus estudos na escola primária em Quarteira, mas aos 10 anos vai estudar para a cidade de Loulé onde terminou o 12º ano. Entrou na faculdade de farmácia em Lisboa, onde se licenciou em Ciências Farmacêuticas. Ao fim de 5 anos regressa à sua terra de origem, por não conseguir viver longe da sua família e do mar. Regressou para fazer o estágio na Farmácia Chagas, em Loulé, e posteriormente terminá-lo no Hospital Distrital de Faro, onde inicia a sua atividade profissional de imediato.